Casos & .Causos

Por Nestor Leme

A Barriga de Waldemar

Lá vamos nós para as celebrações da Semana Santa de 2025. E, como de costume, atores amadores serranos encenarão a Paixão de Cristo na Praça Barão do Rio Branco. E a representação do ato religioso só vai acontecer porque alguns teimosos se esforçam para realizá-lo.

No ano passado, a encenação foi um sucesso absoluto. Porém, neste ano, várias cenas importantes foram suprimidas por falta de atores — parece que muitos aproveitaram o feriado prolongado para viajar.

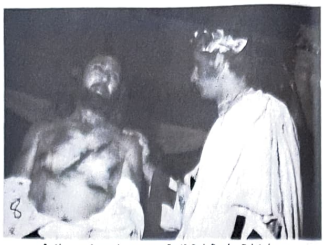
Eu, possivelmente, estarei no elenco. Vou representar São Longuinho e, mais uma vez, trocarei de personagem. Em encenações anteriores, já fui o sacerdote Anás, homem do povo, São Pedro, líder saduceu... e agora, São Longuinho.

E como começou essa história da encenação da Paixão de Cristo em nossa cidade?

Começou em meados dos anos sessenta, quando a famosa Equipe de Ouro, que fazia sucesso construindo os carros alegóricos de carnaval serrano, se reuniu com as autoridades e lançou a ideia de promover a Paixão de Cristo ao vivo, durante a Semana Santa daquele ano. A ideia tomou forma, e até o Padre Lavello entrou no clima, cedendo a escadaria da Igreja Matriz para que ali fosse montado o Calvário — cena final da encenação.

Daí foi correr atrás do que seria usado na montagem do ato religioso. E por puro acaso, naquele ano, a família Duzzi — folclores carnavalescos — tinha participado do carnaval com o "Bloco dos Romanos", portanto os uniformes dos centuriões já estavam prontos. Em seguida, foram procurar atores para os personagens. Não foi fácil, pois o Oscar Brolesi, conhecido amante do teatro e formador de grupos de atores amadores, ainda era criança. Demorou, mas o Álvaro Mendes se prontificou a ser Pilatos, a Estela Preto topou ser a Virgem Maria, e outros ficaram com os demais papéis. Mas ainda faltava o principal: quem representaria Jesus?

Por aqui, não encontraram ninguém. Foi aí que alguém se lembrou do Waldemar Martins, conhecido ator circense que já estivera em Serra Negra com o Circo Marabá, onde representara Jesus nas encenações do circo-teatro. Waldemar foi convidado, aceitou o trabalho e começaram os ensaios.



Antigo registro da encenação 'A Paixão de Cristo', na Praça Barão do Rio Branco | *Arquivo de Nestor Leme*

E, na noite da Sexta-Feira Santa, aconteceu a primeira encenação da Paixão de Cristo, que entrou para a história dos grandes eventos realizados em Serra Negra. Parecia mesmo que a encenação tinha vindo para ficar. Tanto que, no ano seguinte, com bastante antecedência, as providências começaram a ser tomadas e logo trataram de convocar novamente o Waldemar para o papel principal. Como ator consagrado, ele só chegava na véspera da encenação, para o ensaio geral. Na Semana Santa de 1968, o Waldemar tinha se descuidado e apareceu com uma barriga saliente, que não combinava em nada com as conhecidas imagens de Jesus Cristo magro.

Waldemar chegou, mostrou a barriga ao chefe do elenco e disse:

— Se tiver outro, podem me substituir.

Mas assim, de última hora? Onde encontrar outro? Não havia.

Sem opção, o chefe do elenco respondeu:

— Vai assim mesmo, que ninguém vai prestar atenção.

Mas ele estava enganado.

Quando despiram o ator para iniciar o martírio, bem na frente do palco estavam as beatas Donas Terezinha e Tininha. Ao verem a barriga saliente do Waldemar, fizeram o sinal da cruz e exclamaram:

— Imagina se Jesus era gordo desse jeito!

Arquivo de Nestor Leme

RSN
AM 1430 KHZ
RÁDIO SERRA NEGRA
13h às 19h - Super Tarde com o Comunicador Pedro Giovani,
39 anos falando no seu rádio!
14h30 - Repórter Policial
16h30 - Especial Super Tarde 2
17h00 - Ranchinho da Saudade - sertanejo
Classe A, com o curral dos animais e a visita dos passarinhos na janela do Ranchinho
18h00 - Ave Maria
OUÇA - www.radioserranegra.com.br
Ligue: (19) 3892-1125

MENEGATTI
Serralheria Menegatti Ltda.
Box - Portas - Vitraux - Venezianas - Coberturas
Portas de Enrolar - Fech. de Área - Portões - Etc.
serralheriamenegatti@gmail.com
Fones.: (19) 3892-2147 3892-1291
Rua Santa Carolina, n.º 96 - B. das Palmeiras - CEP 13930-000 - Serra Negra - SP

Crônicas do .Dia a Dia

Por Guida Gerosa

O que será de nós?

Penso nisso quase sempre: o mundo está indo por um caminho que me assusta pensar no que ele nos reserva num futuro próximo. Aquecimento global? Aumento do nível dos oceanos? Fim da água potável? Fim de algumas espécies? Política global? Fim do petróleo? Colapso econômico? Superpopulação? Guerras? Quantas situações difíceis que vislumbro num futuro não muito distante.

As contradições, então, são a última moda. Tem gente que cola adesivos religiosos ou de filosofias que pregam a bondade, e depois são grosseiras e ofensivas. Outros colam adesivos de "SAVE THE PLANET", e jogam lixo no chão, e não praticam a reciclagem.

A natureza está cansada. Os rios são depósitos de lixo e esgoto acabando com toda a fauna. As chuvas são cada vez mais fortes, o inverno dura cada vez menos e o sol está fritando as ideias de todos, as poucas que ainda sobram.

Ah, a política. Essa está cada vez pior. Os líderes mundiais, governos em geral, gastam a rodo, viajam de jatinho, usam produtos descartáveis e, depois, vêm falar na salvação do mundo. Na educação, ensinar a pensar com sua própria cabeça é a única coisa que é proibido. Como formar um exército em massa com pessoas de opinião própria. Então, massificação e menos pessoas pensantes no planeta é o que os governantes desejam. Que maravilha seria termos um planeta em paz, sem guerras, nem disputas econômicas, com educação formadora de opiniões e clareza, dons que são hoje quase superpoderes.

Outro dia eu vi um guia "Amish" para aprender a sobreviver sem energia e sem nada comprado. Me lembrei imediatamente da fazenda de quando eu era criança, e ficávamos sem energia. Foi uma época sem computadores ainda. Crianças brincavam do lado de fora da casa, e os adultos trabalhavam sem energia elétrica, apenas as máquinas a gasolina funcionavam. Os "amishs" só usam tração animal que hoje também está difícil de fazê-lo, pois a defesa dos animais quer proibir o ato.

Mas a esperança de um mundo equilibrado ainda vive em mim e encontro pessoas que duvidam daquilo que leem, que plantam, que são gentis, que são inteligentes e compreendem o mundo.

O que será de nós? Talvez sejamos lembrados como aqueles que acabaram vivendo no próprio lixo e viviam discutindo de quem era a culpa. Mas quem sabe, com um pouquinho de juízo, educação e "compostagem mental", ainda conseguimos virar o jogo. Se não der... bom, pelo menos teremos sido um ótimo exemplo do que não fazer.

Cultura .e Vida

Por Henrique Vieira Filho

Liberdade com rosto indígena, Igualdade com pintura tribal

E se a Liberdade tivesse a pele pintada com grafismos tribais? E se, em vez de erguer uma bandeira entre escombros europeus, ela cruzasse florestas tropicais, vivas em canto, em cor, em resistência?

Foi com essas perguntas em mente — e pincel em mãos — que criei a obra "Liberté, Égalité et Indigène" (Liberdade, Igualdade e Indigenidade), para a MITC – Mostra Internacional Totem das Cores, considerada o maior evento do mundo sobre arte naïf (pinturas com simplicidade e alma popular), que ocorrerá de setembro a novembro no Museu de Socorro (SP), presta homenagem às relações culturais entre França e Brasil, em nome da democracia, do meio ambiente e da diversidade. Três pilares que, como totens, sustentam não apenas a arte, mas a própria ideia de civilização.

Nesta obra, proponho uma releitura tropical de A Liberdade Guiando o Povo, do grande Delacroix. No lugar da deusa da justiça (a Marianne revolucionária), surge uma mulher indígena brasileira, com a pele pintada em grafismos tribais — signos de pertencimento e identidade. Ela não carrega armas: conduz um povo múltiplo por entre árvores centenárias, uma onça, um tucano, uma arara. Ali, a natureza não é cenário: é personagem.

A pintura propõe um entrelaçamento entre o ideal iluminista francês — Liberdade, Igualdade e Fraternidade — e a essência brasileira, marcada pela ancestralidade indígena, pela biodiversidade e pela resistência cultural. Uma miscigenação simbólica e visual que ressignifica o lema europeu à luz das nossas cores, formas e urgências.

Neste 19 de abril, Dia dos Povos Indígenas, lembro que nem toda liberdade nasce de uma revolução armada. Algumas brotam devagar, como raiz. Crescem como cipó, discretas, firmes, sustentando florestas e futuros. Homenageio, assim, a permanência indígena, sua reinvenção cotidiana diante de séculos de apagamentos.

Ao expor essa obra na MITC, junto a tantos outros artistas que partilham da estética naïf e da paixão pela arte que comunica, compartilho também um desejo: que o mundo possa ver, sentir e compreender a beleza e a urgência de uma liberdade que nasce do chão. Que pinta a pele. Que canta em tupi. Que dança com o vento!

Entre os ideais franceses e a brasilidade que nos atravessa, há um ponto de encontro possível — e necessário. Uma Liberdade de rosto indígena, uma Igualdade que respeita as diferenças e uma Fraternidade que se expressa no cuidado mútuo entre pessoas, florestas e culturas.

Porque, às vezes, a revolução não está no grito. Está na natureza, na pele, na marcha silenciosa que nunca parou!

"Liberté, Égalité, Indigénéité" (Liberdade, Igualdade e Indigeneidade) | *Henrique Vieira Filho*

Por Henrique Vieira Filho

Liberdade com rosto indígena, Igualdade com pintura tribal

E se a Liberdade tivesse a pele pintada com grafismos tribais? E se, em vez de erguer uma bandeira entre escombros europeus, ela cruzasse florestas tropicais, vivas em canto, em cor, em resistência?

Foi com essas perguntas em mente — e pincel em mãos — que criei a obra "Liberté, Égalité et Indigène" (Liberdade, Igualdade e Indigenidade), para a MITC - Mostra Internacional Totem das Cores, considerada o maior evento do mundo sobre arte naïf (pinturas com simplicidade e alma popular), que ocorrerá de setembro a novembro no Museu de Socorro (SP), presta homenagem às relações culturais entre França e Brasil, em nome da democracia, do meio ambiente e da diversidade. Três pilares que, como totens, sustentam não apenas a arte, mas a própria ideia de civilização.

Nesta obra, proponho uma releitura tropical de A Liberdade Guiando o Povo, do grande Delacroix. No lugar da deusa da justiça (a Marianne revolucionária), surge uma mulher indígena brasileira, com a pele pintada em grafismos tribais — signos de pertencimento e identidade. Ela não carrega armas: conduz um povo múltiplo por entre árvores centenárias, uma onça, um tucano, uma arara. Ali, a natureza não é cenário: é personagem.

A pintura propõe um entrelaçamento entre o ideal iluminista francês — Liberdade, Igualdade e Fraternidade — e a essência brasileira, marcada pela ancestralidade indígena, pela biodiversidade e pela resistência cultural. Uma miscigenação simbólica e visual que ressignifica o lema europeu à luz das nossas cores, formas e urgências.

Neste 19 de abril, Dia dos Povos Indígenas, lembro que nem toda liberdade nasce de uma revolução armada. Algumas brotam devagar, como raiz. Crescem como cipó, discretas, firmes, sustentando florestas e futuros. Homenageio, assim, a permanência indígena, sua reinvenção cotidiana diante de séculos de apagamentos.

Ao expor essa obra na MITC, junto a tantos outros artistas que partilham da estética naïf e da paixão pela arte que comunica, compartilho também um desejo: que o mundo possa ver, sentir e compreender a beleza e a urgência de uma liberdade que nasce do chão. Que pinta a pele. Que canta em tupi. Que dança com o vento!

Entre os ideais franceses e a brasilidade que nos atravessa, há um ponto de encontro possível — e necessário. Uma Liberdade de rosto indígena, uma Igualdade que respeita as diferenças e uma Fraternidade que se expressa no cuidado mútuo entre pessoas, florestas e culturas.

Porque, às vezes, a revolução não está no grito. Está na natureza, na pele, na marcha silenciosa que nunca parou!

"Liberté, Égalité, Indigénéité" (Liberdade, Igualdade e Indigeneidade) | *Henrique Vieira Filho*